



REGULAMENTAÇÃO DA PROFISSÃO

O exercício da profissão de doula foi regulamentada pela Lei nº 15.381/26, aprovada pelos senadores e pelos deputados e sancionada pelo presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em 8 de abril. A regulamentação ajudou a transformar a rotina das doulas e ampliar a legitimidade da profissão dentro dos hospitais. “Hoje, existe mais reconhecimento e segurança”, afirma Nathalia Braz. Bruna Genaro, que começou a atuar quando muitas maternidades ainda proibiam a entrada dessas profissionais, vê a mudança como histórica. “Agora temos respaldo, definição mais clara da profissão e mais espaço dentro dos hospitais.” Mesmo assim, ambas acreditam que a transformação cultural ainda está em andamento.



Até mesmo os registros do parto de Alessandra foram feitos pela doula



Segundo Bruna, o acompanhamento começa muito antes das contrações

acolhimento humano”, afirma Nathalia. “A doula oferece escuta, presença, suporte emocional e segurança durante um dos momentos mais intensos da vida da mulher.”

A doula Bruna Genaro concorda. Há oito anos na profissão, ela acredita que grande parte do trabalho está justamente em desacelerar o ambiente hospitalar. “Muitas vezes, o que falta para um parto é paciência”, diz. “A doula respeita o processo, entende que aquilo vai acontecer no tempo que tiver que acontecer.”

Segundo Bruna, o acompanhamento começa muito antes das contrações. Há encontros de preparação para o parto, conversas sobre amamentação, orientações sobre intervenções médicas e suporte on-line praticamente contínuo. “Muitas mulheres voltam do pré-natal com muitas dúvidas. A doula acaba preenchendo um espaço de atenção que muitas vezes não existe.”

Ela faz questão de esclarecer outro ponto frequentemente confundido: doula não substitui acompanhante. “O acompanhante está emocionalmente envolvido. A doula não está. Ela atua com compaixão, mas consegue olhar para o que aquela mulher desejava antes da dor começar.”

Quando o tratamento muda

Embora a profissão tenha ganhado mais reconhecimento nos últimos anos, relatos de resistência ainda são comuns. Nathalia conta já ter sido impedida de entrar em hospitais e até humilhada por equipes médicas. “Muitas vezes, isso acontece por desconhecimento sobre a atuação da doula”, diz.

Bruna relembra situações semelhantes. Em uma delas, percebeu que o simples fato de estar acompanhando uma gestante alterou completamente a postura da equipe hospitalar. “A recepcionista perguntou o que eu era da gestante. Quando falei que era a doula, mudou totalmente o tratamento. Disseram: ‘essa é uma mulher que vai ter um parto humanizado’.”

A percepção, segundo as profissionais, é de que mulheres acompanhadas chegam mais informadas e conscientes dos próprios direitos, o que acaba inibindo intervenções consideradas desnecessárias. “Eles sabem que a mulher sabe”, resume Bruna. Nathalia vai além: “Quando uma gestante está com uma doula, parece que os médicos pensam duas vezes antes de fazer alguma intervenção sem necessidade.”

As duas também reconhecem que parte do conflito com equipes médicas está ligada ao próprio modelo obstétrico brasileiro, historicamente centrado na cesariana. “O parto normal exige tempo”, afirma Bruna. “Já a cesárea é rápida, previsível e movimenta financeiramente o sistema.”

Entre romantização e realidade

Apesar da defesa do parto humanizado, as doulas rejeitam a ideia de romantizar o nascimento. “O parto real envolve dor, intensidade, cansaço e desafios emocionais”, afirma Nathalia. “Parto humanizado não significa ausência de dor. Significa respeito.”

Mãe de três filhos, Bruna costuma dizer às gestantes que “não existe escape da dor”, apenas diferentes formas de atravessá-la. Ela também faz questão de desfazer outro imaginário comum: parto humanizado não é sinônimo de parto em casa, parto na água ou rejeição total à medicina. “Humanização é a mulher ser ouvida, respeitada e participar das decisões sobre o próprio parto”, explica. “Se houver necessidade de cesárea, ela será feita.”

Ainda assim, ambas reconhecem que esse tipo de assistência continua distante da realidade de muitas brasileiras. “Infelizmente, o parto humanizado virou privilégio”, diz Nathalia. “Ainda existe desigualdade no acesso à informação, profissionais capacitados e assistência respeitosa.” Bruna concorda: “Querida que toda mulher pudesse parir com respeito, independentemente da condição financeira”.

*Estagiária sob a supervisão de Sibele Negromonte